

## **Observatório Antropológico: Mapeamento e fortalecimento das ações de combate ao Covid-19**

Área Temática de Extensão: Cultura

Público Alvo do Projeto: organizações não governamentais e governamentais que atuam na prevenção ao coronavírus, grupos sociais em situação de vulnerabilidade

### **Resumo**

A partir das relações de pesquisa estabelecidas no campo das Ciências Sociais — em especial a Antropologia —, a proposta de atuação deste projeto é identificar problemas sociais causados pela pandemia de Covid-19 (coronavírus). E, aliado a isso, realizar a busca de soluções rápidas, cujos efeitos sociais sejam o fortalecimento de direitos dos povos e comunidades etnicamente diferenciados e das populações em situação de vulnerabilidade social diante da pandemia, à exemplo dos quilombolas, ciganos e pessoas que vivem nas periferias urbanas. Como metodologia, a partir da delimitação inicial dos grupos participantes em função da experiência prévia da equipe formada, iniciamos a criação dos meios comunicativos para o seu acompanhamento e escuta ativa e o planejamento das ações subsequentes, levando em conta o refinamento constante das metodologias dialógicas. As ações propostas percorrem o mapeamento de iniciativas de suporte a grupos em situação de vulnerabilidade social, a formulação e execução de respostas criativas à crise, além do apoio à iniciativas já existentes, e a divulgação de materiais que possam dirimir dúvidas e auxiliar no combate à pandemia. Como resultados, esperamos que, além do combate aos efeitos diretos da pandemia, seja possível fomentar entre estudantes e a sociedade de modo mais amplo uma percepção de diversidade e pluralismo e estimular o combate à estigmatização e desigualdade no Brasil acirradas com o coronavírus.

### ***Contextualização e justificativa***

A partir das relações de pesquisa estabelecidas no campo das Ciências Sociais — em especial a Antropologia —, a proposta de atuação deste projeto é identificar problemas sociais causados pela pandemia de Covid-19 (coronavírus). Aliada à identificação dos problemas está, igualmente,

a busca de soluções rápidas, cujos efeitos sociais sejam o fortalecimento de direitos dos povos e comunidades etnicamente diferenciados e das populações em situação de vulnerabilidade social, à exemplo dos indígenas, quilombolas, ciganos e pessoas que vivem nas periferias urbanas. Sabemos que, ao longo da história brasileira, essas populações viveram/vivem à margem do Estado, com regimes de trabalho precarizados, sem o suporte de políticas sociais efetivas, carecendo também de sistema de saneamento básico e de moradia.

De fato, o quadro de desigualdade social, econômica e étnico-racial dessas populações é anterior à pandemia que chegou ao Brasil em fevereiro de 2020 e rapidamente se espalhou pelo território nacional. Porém, esse quadro tende a se agravar com a pandemia e explicitar os limites — há muito apontados — do modelo econômico mundial. Modelo este sustentado pela concentração de riquezas, degradação ambiental, exploração de trabalhadores, ataque a povos e populações tradicionais.

Dentre os marcos de combate às desigualdades que incidem diretamente sobre o Brasil e que julgamos relevantes para o projeto, menciona-se:

- A III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, em Durban, África do Sul, em 2001, na qual observa-se um avanço das discussões acerca da dinâmica das relações raciais, em especial, das diversas formas de discriminação racial vivenciadas no Brasil (CARVALHO, 2002).
- Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, lançados em 2015, o ODS número 10, “Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles”, lista uma série de medidas, tais como assegurar representação, instituições eficazes, atenção aos países em desenvolvimento e redistribuição de riquezas. Essas medidas são reafirmadas com os impactos do Covid-19 que, segundo a organização, devem ter maior incidência nas mulheres (Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods10/>).

Em relação aos ODSs, destacamos ainda o potencial do projeto em contemplar também o desenvolvimento de iniciativas científicas inovadoras no campo das Ciências Sociais, essenciais

para o momento, e de ‘tecnologias sociais’ que buscam contemplar a mitigação dos efeitos da Covid-19 para os grupos mencionados.

Sendo assim, a proposta do “Observatório Antropológico: Mapeamento e fortalecimento das ações de combate ao Covid-19” foi construída a partir da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como instituição de execução, com parceria de antropólogos de outras universidades que atuam com os mesmos públicos. O observatório é fomentado com a participação de professores, pesquisadores e estudantes vinculados aos cursos de graduação em Ciências Sociais e Antropologia da UFPB e à Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPB) e a outras universidades, como a Universidade Federal do Amazonas, por profissionais e colaboradores de diferentes áreas e pela sociedade civil organizada. Destaca-se também a participação de uma professora visitante vinculada ao PPGA (CIESAS/México), contribuindo desse modo com uma visão internacional da pandemia. Esses participantes atuam na produção, organização e divulgação dos conteúdos, com estímulo para uma formação cidadã do estudante do começo ao fim do processo.

Em meio ao cenário devastador exposto pela pandemia, nos perguntamos: como a academia e, em especial, a Antropologia pode contribuir nesses tempos difíceis, visto que, com frequência, essa área do conhecimento se relaciona diretamente com as populações mais vulneráveis à pandemia? A empatia, a escuta do outro, a busca por compreensão são características da Antropologia que permitem a construção de pontes entre as comunidades e o espaço acadêmico. Além das contribuições que a Antropologia pode dar, procuraremos dialogar com diferentes áreas de conhecimento — em uma perspectiva multidisciplinar —, tratando elementos inter-relacionados que devem ser levados em consideração na formulação de respostas criativas e dialógicas entre sociedade civil, academia e poder público.

A partir do mapeamento e acompanhamento de diferentes grupos e comunidades afetados, a ideia do observatório é estimular formas de enfrentamento das desigualdades sociais que se acirram com a pandemia. O ponto de partida desse emaranhado de conexões são as pessoas com quem atuamos em projetos de pesquisa e de extensão atuais ou pregressos.

Desse modo, o observatório se volta para ações de extensão, pesquisa e ensino e para um acompanhamento contínuo de diferentes grupos sociais, reconhecendo a gravidade da situação e procurando atuar preventivamente para que tenham o menor impacto possível da pandemia. Esse tripé se articula com a extensão pela assessoria aqui descrita; com o ensino pelo envolvimento direto de estudantes, que nos traz o desafio de pensar o ensino e as abordagens didáticas que garantam a formação discente; e com a pesquisa, por considerarmos que as reflexões sobre a pandemia implicam em debates renovados pelo contexto empírico que necessitarão de novas abordagens teóricas.

Atentas/os às demandas locais de nossos interlocutores de longa data, partimos de um levantamento realizado entre estudantes e professores do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de pós-Graduação em Antropologia da UFPB para formulação desta proposta que identifica, em um primeiro momento, os seguintes públicos: pessoas em situação de rua e moradores de periferias da região metropolitana de João Pessoa a partir da parceria com a Organização não-governamental (ONG) Minha Jampa; a Comunidade Quilombola de Mituaçu, Conde, a partir da participação da equipe do projeto de extensão Histórias de Quilombo (PROBEX 2020); e os Povos Ciganos Calon de Mamanguape e de Sousa, a partir do contato com uma pesquisadora que realizou sua tese nestes locais.

Nesta proposta, dialogamos diretamente com as áreas temáticas de Comunicação e de Cultura do edital Programa UFPB no seu município 2020.

### **Fundamentação teórica**

Embora outras pandemias tenham assolado a população mundial, a Covid-19 traz consigo algumas características inéditas: a alta velocidade de sua propagação em decorrência dos fluxos globais e a expectativa de repetidas quarentenas ao longo dos próximos anos, fazendo com que o mercado e a economia se comportem numa espécie de zigue-zague. O caráter novidadeiro dessa pandemia, no entanto, não nos impede de aprender com experiências anteriores ou com situações

similares, sejam elas reais ou ficcionais. E, mais interessante ainda, nos permite rever teorias clássicas à luz do contexto atual.

No início da pandemia, muitas pessoas passaram a citar situações descritas por autores como José Saramago (2001) em “Ensaio sobre a cegueira” ou Albert Camus (1997) em “A peste” como formas de descrever o temor que sentiam. Como revelam as obras de ficção - e nós ao partilhá-las -, há uma grande dificuldade em nomear o desconhecido. Aos poucos, entretanto, fomos nos acostumando à nova situação e nos esquecendo das obras de ficção: o novo cotidiano e sua profícua cobertura midiática passariam a nos bastar, como se fizessemos parte da ficção que criamos outrora.

Nesse novo mundo, uma série de dilemas já tratados exaustivamente pelas Ciências Sociais, como confinamento e vigilância (GOFFMAN, 2001; FOUCAULT, 1999), passaram a figurar em renovados debates compilados, por exemplo, em “Sopa de Wuhan” (AGAMBEM et al., 2020). Ali, Byung-Chul Han (2020: 102) acrescentaria a “vigilância digital” no combate ao vírus, como uma forma de “biopolítica” - também “digital” - de controle ativo das pessoas. Por sua vez, Paul B. Preciado (2020: 172) escreveria a respeito dos índices de uma nova gestão “semiotio-técnica digital” que se dariam pela “extensão planetária da internet”.

Enquanto ganha a reflexão sobre confinamento e vigilância ganha novas nuances, nos perguntamos sobre o lugar teórico de povos tradicionais e populações periféricas nessa discussão. Constatamos, mais uma vez, que esse lugar é o das margens, das franjas do capitalismo. A menção a populações tradicionais ou periféricas no contexto da pandemia de Covid-19 apontam para a xenofobia e insustentabilidade das práticas ecocidas capitalistas. A xenofobia surge como uma resposta global a um fenômeno, a doença, como se essa fosse localizável nos mercados úmidos de Wuhan, ou seja, como se fosse possível culpabilizar alguém (obviamente um oriental, um nativo) por práticas tão abjetas, como consumir partes de animais exóticos. A xenofobia não leva em conta o surgimento cíclico de pragas em polos de produção global e emprego industrial em massa, como foram a Europa e os EUA e hoje, ou há algum tempo, é a China (COLETIVO CHUANG, 2020: 38). Ao dissociar o surgimento do novo coronavírus das práticas predatórias capitalistas que destroem ecossistemas, estamos tratando os

saltos zoonóticos como mais um desastre ambiental e culpabilizando “pobres selvagens” por nos exporem a esses riscos.

Por outro lado, com alguma sorte, é possível que nos depararemos com autores, como Els Lagrou, que buscam recuperar cosmologias e pensadores indígenas para nos lembrar que algo nas práticas capitalistas não vai bem:

“Não é o fato de comermos porcos, morcegos, galinhas ou pangolins que causa epidemias mundiais, mas o modo como a civilização mundial, que se alimenta do crescimento sem fim das cidades sobre as florestas, as árvores e seus habitantes, parou de escutar a revolta, não das coisas, mas dos animais, das plantas e de Gaia. Ou como diria Ailton Krenak, as pessoas foram alienadas e arrancadas da terra que é viva e com a qual é preciso dialogar, conviver.” (LAGROU, 2020: sem página).

Neste trabalho, atentas/os aos debates postos pela pandemia de Covid-19, somamo-nos ao coro daqueles que buscam pensar alternativamente e encontrar formas de lidar positivamente com os desafios que se apresentam. Em um momento de “vigilância digital” (HAN, 2020: 102) e confinamento, nos perguntamos sobre a situação de pessoas que vivem nas ruas e sobre comunidades indígenas, quilombolas, pescadoras e camponesas que não participam da “extensão planetária da internet” (PRECIADO, 2020: 172).

Sujeitos esses que há séculos sofrem com as investidas capitalistas do extermínio - seja por meio das armas de fogo, imposição de uma fé, doenças disseminadas pelo impacto colonial ou pela necropolítica do estado moderno. São esses sujeitos, os principais atingidos pela “ameaça de asfixia” (MBEMBE, 2020), há muito tempo em curso, e que ganha novos contornos com a Covid-19. Mas também são esses sujeitos que, repetidamente confrontados com os fins de seus mundos ao longo dos séculos, inventam modos de afirmação e resistência ao se defrontarem com a vulnerabilidade humana que atravessa suas sensibilidades coletivas face ao colonialismo e ao capitalismo. Como diz Ailton Krenak, confabulam “ideias para adiar o fim do mundo”: “E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o seu fim” (KRENAK, 2019: 27).

O intuito deste projeto é questionar a situação desses sujeitos e contribuir para que as experiências de vulnerabilidade, de “fim de mundo”, possam ser adiadas. Nosso primeiro desafio está sendo de colocar no mapa, marcar um endereço e indicar um canal de comunicação - telefone, WhatsApp ou rede social - para que possamos dialogar. A partir dessa localização e da abertura de canais de comunicação, buscamos perceber as formas particulares com que a pandemia é vivida pelos diferentes atores nos diversos contextos. Com a percepção das demandas das pessoas e de suas experiências com a pandemia é que poderemos traçar planos de ação e diagnósticos que nos aproximem dessas realidades.

### ***Objetivos***

#### **Geral**

Unir reflexões antropológicas à prática de intervenção social, atuando na criação e no fortalecimento de redes de apoio a grupos em situação de vulnerabilidade social durante e depois da pandemia de Covid-19 na Paraíba.

#### **Específicos**

Criar e fortalecer canais efetivos para manter a comunicação direta com os grupos em situação de vulnerabilidade a partir de redes estabelecidas por meio de pesquisas progressas, aproximando a UFPB dessas comunidades em uma relação de parceria;

Realizar a produção de conteúdo científico qualificado e acessível em formato colaborativo por estudantes de diferentes áreas;

Efetuar a disseminação dos conteúdos produzidos em diferentes meios de comunicação, estimular e fomentar parcerias entre as campanhas e ações realizadas pela sociedade civil organizada, de modo a mitigar os impactos da Covid-19 entre o público atendido no observatório;

Disseminar, por meio das redes sociais e com o apoio de recursos audiovisuais, pedagógicos e digitais, as narrativas sobre os efeitos da Covid-19 elaboradas pelos grupos em situação de

vulnerabilidade, com o intuito de produzir informações de qualidade sobre os diferentes contextos sociais da pandemia para a sociedade em geral;

Aprofundar a reflexão teórica, epistemológica e metodológica sobre a pandemia e seus efeitos socioeconômicos e culturais a partir da Antropologia e áreas afins, promovendo aproximações entre universos da academia e sujeitos das pesquisas na construção do conhecimento e de experiências de forma conjunta;

### ***Metodologia***

O planejamento coletivo, o exercício da escuta, o acompanhamento a curto e médio prazo e o estímulo à autonomia têm sido imprescindíveis para a efetivação duradoura de qualquer ação, pois é com base na organização local que os projetos sociais mostram seus resultados mais efetivos. Com a consciência de que um pretenso diálogo não garante que as reivindicações e prioridades de um grupo sejam ouvidas, é preciso assegurar que as ferramentas para o desenvolvimento dos projetos possam estimular a criatividade e priorizar ideias e escolhas locais, com espaço para perspectivas diversas. Com essa intenção, nossa proposta é ligar demandas e fortalecer iniciativas solidárias, assim como profissionais autônomos e pequenos negócios.

Para isso, fizemos um formulário para identificar grupos, lideranças e, principalmente, nesse primeiro momento, participantes da organização do Observatório Antropológico. Após formada uma equipe inicial, realizamos contato telefônico e via redes sociais com representantes dos grupos que possam fornecer mais informações de como podemos atuar. A partir disso, estamos realizando a organização de canais de comunicação com os grupos em situação de vulnerabilidade. Os principais canais de comunicação utilizados desde então foram: site, facebook, instagram, whatsapp e ligações telefônicas. Criamos um site (disponível em: <https://observantropologia.wixsite.com/ufpb>) e páginas em redes sociais (disponível em: <https://www.instagram.com/observantropologia/>) para reunir e divulgar as informações, promovendo a transparência de dados. Por meio de formulário, obtivemos informações sobre:



grupos e representantes, contatos e demandas (formulário disponível em: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScyB0ZiJWPJ\\_6JsTrGO0xnd8EvbHA2cIQRntTH1PlSaE4UvA/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScyB0ZiJWPJ_6JsTrGO0xnd8EvbHA2cIQRntTH1PlSaE4UvA/viewform?usp=sf_link)).

Os grupos sociais listados foram: comunidades quilombolas, povos indígenas, pessoas em situação de rua, população trans, periferias urbanas, povos ciganos e comunidades de terreiro. Contudo, visando uma melhor atuação e dedicação da atual equipe do observatório, decidiu-se por desenvolver, inicialmente, a parceria com os grupos supracitados, a saber: pessoas em situação de rua e moradores de periferias da região metropolitana de João Pessoa a partir da parceria com a Organização não-governamental (ONG) Minha Jampa; a Comunidade Quilombola de Mituaçu, Conde, a partir da participação da equipe do projeto de extensão Histórias de Quilombo (PROBEX 2020), em diálogo com lideranças locais, com a escola Quilombola Ovídio Tavares de Moraes e com a Defesa Civil Mirim; e os Povos Ciganos Calon de Mamanguape e de Sousa.

A partir da delimitação inicial dos grupos com os quais trabalharemos e da criação dos meios comunicativos para o acompanhamento e escuta ativa dos referidos grupos sociais, foi possível articular melhor as ações subsequentes, levando em conta o refinamento constante das metodologias dialógicas nesse acompanhamento. As ações propostas pelo Observatório Antropológico percorrem o mapeamento de iniciativas de fortalecimento de grupos em situação de vulnerabilidade social, a formulação e execução de respostas criativas à crise, além do apoio à iniciativas já existentes e a divulgação de materiais que possam dirimir dúvidas e auxiliar no combate à pandemia. A comunicação, nesse sentido, é transversal. Essas atividades foram pensadas de modo inter-relacionado, como consta no Mapa Mental (ver anexo).

A seguir as principais frentes de atuação do Observatório:

**a) Mapeamento**

O mapeamento procura contemplar diferentes temas, desde acesso a políticas sociais, prevenção, saúde mental, arrecadações de alimentação e materiais de limpeza, entre outros, a partir de duas atividades:

- 1) Mapear *iniciativas solidárias* que já estão em curso, feitas por organizações da sociedade civil, universidade e governos, ou seja, trazer para nosso mapeamento todas as ações com foco na Paraíba, voltadas para os públicos do projeto. Complementarmente, procuramos também buscar referências de sucesso em outros locais do Brasil;
- 2) Levantar diretamente com nossos interlocutores suas *demandas* e o que está sendo feito em suas comunidades.

Na primeira atividade — o mapeamento das iniciativas —, buscamos trazer todas as informações disponíveis (formas de contato, redes sociais, etc.) e também entrar em contato com essas pessoas/organizações, para sabermos mais sobre suas realidades e de como as pessoas podem ajudar, solicitar ajuda ou serem ajudadas.

Identificamos a segunda atividade como um momento de escutar demandas locais, a partir dos seguintes pontos:

- 1) Procurar saber sobre a realidade atual dessas pessoas e grupos, quais as demandas e a ordem de suas urgências, mas também o que melhoraria seu ambiente, o que as pessoas poderiam fazer para ajudar, seja pressionando os órgãos públicos, seja provendo coisas de que necessitam nesse momento.
- 2) Listar, para além do que foi elencado acima, os seguintes pontos: quem precisa, do que precisa, de que quantidade precisa, onde quem precisa está, como entrar em contato, quando precisa e por quanto tempo, e o que mais aparecer nessa conversa.
- 3) Dar à pessoa e/ou grupo, a possibilidade de enviar um áudio + vídeo/fotografia, sendo a nossa intenção com esse material promover a visibilidade de suas demandas, o que viria

a melhorar seu ambiente e o que as pessoas poderiam fazer para ajudar. Mas também, como um segundo objetivo, divulgar os diferentes modos de resistência que estão em curso por essas comunidades e dar visibilidade a elas.

Todo material está sendo constantemente alimentado com novos dados e sistematizado para cada grupo listado.

## **b) Produção de Conteúdo**

A produção de conteúdo implica diferentes ações articuladas que envolvem pesquisa, ensino e extensão e pauta-se na relevância social da divulgação científica como um meio de fortalecer as relações entre as Universidades e a sociedade. Por divulgação científica entendemos diferentes metodologias de divulgação de resultados de pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento que possibilitem a circulação de ideias entre a população em geral. A divulgação científica atua tanto na disseminação de conhecimentos produzidos nas universidades, como é também uma forma de potencializar os debates científicos e a emergência de novos sujeitos interessados em produzir e aproximar-se das práticas científicas, como, por exemplo, crianças e jovens.

Com relação à divulgação científica antropológica e de áreas afins direcionada para a atual situação de pandemia, ela atua na amplificação de experiências das comunidades em questão para a sociedade como um todo, fortalecendo redes de articulação política e existencial de luta pela vida. Atua também no enfrentamento aos preconceitos e violações de direitos, como racismo, machismo e xenofobia, na medida em que apresenta as diferenças culturais, práticas e significados singulares, a partir de um olhar antropológico para a sociedade. Desejamos demonstrar, com isso, como a experiência da Covid-19 afeta de diferentes modos as sensibilidades coletivas.

A partir disso, nosso intuito é desenvolver as seguintes ações que, vale ressaltar, levam em conta o refinamento constante de metodologias dialógicas de escuta dos grupos em acompanhamento:

1) Estudos dirigidos e formação continuada discente para formação de conteúdos sobre prevenção e combate ao Covid-19, levando em consideração desde dados estatísticos até estratégias de equidade social operadas no cotidiano. Tais estudos dirigidos são constituídos de: a) Pesquisar, organizar e sistematizar materiais científicos atualizados sobre a pandemia, assim como as formas de combate à disseminação. Isso implica também em escolher índices e acompanhar dados estatísticos que demonstrem os impactos sociais e econômicos sobre essas populações; b) Desenvolver uma linguagem acessível de comunicação desses dados para que possam ser elaborados materiais de ampla divulgação através das redes sociais; c) criar peças com diferentes meios de expressão (vídeos, textos, desenhos e fotografias) através do qual essas informações são divulgadas.

2) Criar conteúdos audiovisuais (com a utilização de fotografias, desenhos e textos) com a narrativa de lideranças e grupos sociais, que desejarem compartilhar áudios e vídeos conosco, contando suas experiências com a Covid-19, assim como suas demandas, tal como colocado no tópico anterior. É nosso intuito também elaborar e/ou disseminar conteúdos que forneçam informações sobre o acesso aos auxílios governamentais - e utilizar do fácil acesso às redes sociais para intermediar em favor daqueles sujeitos que não possuem os meios, como por exemplo, atuar no cadastro ao auxílio emergencial.

3) Pesquisar, organizar e sistematizar reflexões teóricas pertinentes ao momento de pesquisadoras/es, ativistas, educadoras/es e lideranças atuantes, disponibilizadas no site do observatório, no tópico “reflexões de quarentena”. Este espaço também será dedicado para que novos pesquisadoras/es, ativistas, educadoras/es e lideranças possam apresentar suas reflexões que sejam pertinentes com o momento e condizentes com os objetivos do Observatório. Também é esperado que o trabalho desenvolvido no observatório possa fornecer importantes contribuições posteriores para o campo da reflexão antropológica.

### **c) Divulgação**

A divulgação do Observatório Antropológico será principalmente através da Internet, utilizando-se do site e das redes sociais supracitadas, assim como do Whatsapp e do e-mail pessoal dos membros da equipe para a divulgação dos materiais criados e ligações telefônicas para manter contato com as comunidades. Será criado um e-mail próprio do Observatório, como um modo de elaborar as comunicações oficiais e condensar informações. Os sites e as redes sociais cumprem o papel de divulgação das ações e informações produzidas pelo Observatório, mas também como um canal de comunicação para possíveis interessados em contribuir com o projeto e de comunicação com as comunidades.

O site será a principal ferramenta de divulgação das redes de apoio organizadas pela sociedade. Constará com a divulgação de iniciativas solidárias, tais como atendimentos psicológicos disponibilizados por profissionais, auxílios para questões logísticas - como ir ao mercado ou à farmácia para quem se encontra em maior vulnerabilidade - ou outras ações. Também servirá para divulgar trabalhos autônomos e de pequenos negócios, incentivando a geração de renda para esse público como uma forma de diminuir os impactos econômicos e permitir a continuidade dessas iniciativas locais. Serão divulgados também os serviços gratuitos para a população, que consistem em informações sobre os acessos aos direitos sociais, auxílios governamentais, acesso à saúde pública, entre outras. O site será a plataforma utilizada também para a divulgação de reflexões antropológicas e afins importantes para o atual momento, assim como a principal plataforma de divulgação dos conteúdos produzidos - como amplamente dissertado no tópico anterior.

A partir da escuta às comunidades por meio do mapeamento disponibilizado no site, procuraremos também sistematizar demandas e divulgá-las no intuito de pressionar as autoridades competentes, assim como o apoio da sociedade civil organizada, para que essas demandas sejam atendidas. Com isso, desejamos estimular o acesso aos direitos sociais dos grupos em situação de vulnerabilidade social. Por sua vez, as redes sociais, tais como Twitter, Facebook e Instagram cumprirão o papel de disseminação das informações produzidas, condensadas e divulgadas no site. O principal intuito com essas ferramentas é permitir que os

conteúdos ganhem maior circulação nos meios digitais e que um maior número de pessoas seja alcançado.

Outro importante aspecto é o estabelecimento de parcerias e apoio às ações em desenvolvimento, seja no âmbito das Universidades, seja através das iniciativas da sociedade civil organizada. Utilizaremos o site e as redes sociais para divulgar ações já em curso, com o intuito de fomentar o maior número possível de ações direcionadas aos grupos em situação de vulnerabilidade social em tempos de pandemia e impulsionar as redes constituídas.

#### **d) Projetos e editais**

Essa frente se relaciona diretamente com a viabilidade financeira do projeto e também com o engajamento da equipe na busca por fundos nacionais e internacionais para auxílio de grupos vulneráveis economicamente. Dentre os editais identificados, a serem complementados constantemente, podem ser mencionados:

a) **L'Agence universitaire de la Francophonie**  
<https://www.auf.org/nouvelles/actualites/plan-dactions-de-lauf-special-pandemie-covid-19/>

a) **Fundo Baobá**  
<https://baoba.org.br/edital-para-apoiar-pessoas-e-comunidades-no-combate-ao-coronavirus-ja-esta-aberto/>

#### **Recursos necessários ao projeto**

Até o momento contamos com o trabalho voluntário dos participantes na elaboração de:

- 1) Identidade visual (ver anexos);
- 2) Site hospedado gratuitamente na plataforma wix;
- 3) Conta de Instagram;

- 4) Artes para divulgação dos conteúdos a partir de aplicativos e programas de computador de uso gratuito ou com licenças dos colaboradores;
- 5) Ligações telefônicas ou via whatsapp para as lideranças e representantes de cada grupo;

Os equipamentos utilizados são particulares e cada participante tem colaborado a partir de sua residência, não sendo necessário deslocamento para as atividades propostas, mantendo assim as regras de isolamento social que o momento exige. Contamos com a parceria da Ong Minha Jampa, do projeto de extensão Histórias de Quilombo, da Defesa Civil Mirim e da escola municipal Ovídio Tavares de Moraes (ambas de Mituaçu), além de profissionais autônomos com formação em Antropologia que atuam na prestação de assessoria psicológica e jurídica e fazem parte da equipe. Parcerias com Secretarias dos municípios abrangidos também serão buscadas.

### **Resultados esperados**

- Construir, tanto entre os estudantes quanto com a sociedade de modo mais amplo, uma percepção de diversidade e pluralismo no respeito à cultura e aos modos de vida, à história, ao patrimônio material e imaterial de diferentes grupos sociais e estimular o combate ao preconceito, estigmatização, desigualdade racial no Brasil, acirradas com o coronavírus;
- Estimular o diálogo e respostas às demandas de organizações sociais, de representantes de povos e comunidades tradicionais e de lideranças de periferias urbanas, com um estreitamento das redes formadas entre sociedade civil, universidade e instituições públicas;
- Fornecimento de dados atualizados no monitoramento da evolução do coronavírus e seus efeitos para grupos específicos, de modo a auxiliar em pesquisas futuras e na formulação de políticas públicas;
- Estimular o desenvolvimento de metodologias dialógicas e participativas na formação discente que possam refletir em suas futuras práticas profissionais;

- Atualização constante do site do projeto e suas redes sociais com conteúdo científico sobre a Covid-19;
- Sistematização da experiência em periódicos acadêmicos nacionais e internacionais, refletindo sobre as possíveis inovações e também os desafios do projeto;

### **Monitoramento e avaliação**

São realizadas videoconferências de planejamento e monitoramento de cada frente, além da comunicação constante entre todos os participantes.

Os mecanismos de monitoramento e avaliação englobam:

- efetividade da comunicação em suas diferentes ferramentas;
- campanhas de arrecadação dos parceiros da sociedade civil com êxito;
- publicização das prestações de contas em caso de recebimento de materiais doados;
- acompanhamento dos relatos das comunidades sobre prevenção e efeitos da Covid-19;
- efetividade da metodologia adotada em cada frente;
- publicações e sistematizações.
- 

Outros mecanismos podem ser incorporados, decididos e reformulados em reuniões entre os participantes.

### **Considerações finais**

A pandemia de coronavírus está mobilizando pessoas ao redor do mundo. Sistemas de saúde sob pressão, rotinas de isolamento que trazem alterações diretas no cotidiano de milhões de pessoas, vidas interrompidas com rapidez assustadora. Os efeitos a longo prazo ainda estão em aberto, porém consideramos relevante a mobilização de todos os setores da sociedade na



conformação de redes solidárias de apoio e fortalecimento das populações mais vulneráveis à pandemia. Buscamos, desse modo, unir forças com as demais iniciativas de promoção da saúde e qualidade de vida na Paraíba.

## Referências

AGAMBEM, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan*. Aspo, 2020.

CAMUS, Albert. *A Peste*. Trad. Valerie Rumjanek. São Paulo: Record, 1997.

CARVALHO, José Jorge de. Uma proposta para estudantes negros na Universidade de Brasília (Primeira Parte). Série Antropológica. 2002.

COLETIVO CHUANG, *Contágio Social: coronavírus e a luta de classes microbiológica na China*. São Paulo: Editora Veneta, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. In: AGAMBEM, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan*. Aspo, 2020, p. 97-112.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

LAGROU, ELS. *Nisun: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus*, Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social, 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/nisun-a-vinganca-do-povo-morcego-e-o-que-ele-pode-nos-ensinar-sobre-o-novo-coronavirus/>. Acesso em abril de 2020.

MBEMBE, Achille. *O direito universal à respiração*. #PandemiaCritica, n-1 edições, 20, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/020>. Acesso em abril de 2020..

PAUL B. Preciado. Aprendiendo del virus. In: AGAMBEM, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan*. Aspo, 2020, p. 163-185.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

Sites consultados:

<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods10/>